

Aquisição de língua: uma perspectiva ecolinguística

Language acquisition: point of view of ecolinguistics

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto
Eliane Marquez da Fonseca Fernandes

Universidade Federal de Goiás – Goiânia – Goiás – Brasil



Resumo: Levando em conta que a língua pode ser entendida como um complexo processo que compreende relações naturais, mentais e sociais, este artigo discute o processo de aquisição de primeira língua da perspectiva da ecolinguística. Assim sendo, começa pela apresentação de um breve resumo das investigações tradicionais sobre assunto, como as que surgiram na linha das propostas de Chomsky, bem como as de Piaget e Vygotsky. A ecolinguística encara a língua como uma teia ou rede de interações que envolvem pelo menos uma população e seu meio ou território, formando o que se chama ecossistema linguístico ou comunidade linguística. Como o conceito central é interação, e a própria língua é interação, adquirir a primeira língua é adaptar-se ao como se dá a interação nesse ecossistema. De modo geral, adquirir língua é adaptar-se.

Palavras-chave: Ecolinguística; Aquisição da linguagem; Língua; Povo; Meio ambiente

Abstract: Taking into consideration the fact that language is part of a complex web of natural, mental and social relationships, this article discusses first language acquisition from the point of view of Ecolinguistics. In this case, it begins by presenting a short overview of traditional investigations, such as those by Chomsky and followers, Piaget and Vygotsky. Ecolinguistics sees language as a web of interactions involving at least a population and its environment or territory, forming the linguistic ecosystem or community. Since the central concept of ecosystem is interaction, and language itself is interaction, to acquire a language is to adapt to the ways of interacting inside this ecosystem. Language acquisition is adaptation at large.

Keywords: Ecolinguistics; Language acquisition; Language; Population; Environment

Este artigo quer trazer algumas reflexões acerca da aquisição da linguagem numa perspectiva ecolinguística. É uma tentativa de compreender como ocorre o processo de desenvolvimento de fala de uma criança a partir das interações verbais que se dão nos ecossistemas linguísticos. Partimos da concepção de que a língua é fruto das relações dos seres humanos entre si de modo a fazerem parte do meio ambiente, assim como o meio ambiente é parte intimamente ligada a cada sujeito falante, ou seja, ecolinguisticamente, língua é a rede de interações ou inter-relações que se dão no interior de um ecossistema linguístico. Por *lingua* entendemos o modo tradicional de interagir verbalmente no seio do ecossistema natural e linguístico ou da comunidade em relação ao contexto humano e todo o conjunto ecológico. Haugen,

Sabemos que nos primeiros anos de vida, cada criança adquire a língua falada em seu contexto. A relativa

rapidez e facilidade desse processo têm levado muitos estudiosos da psicologia e da linguística a investigarem o percurso da aquisição da linguagem. Consideramos decisivo o fato de que as concepções de língua são bases fundadoras da compreensão de como o sujeito desenvolve suas habilidades de compreensão e expressão linguística. Nossa preocupação se volta para uma revisão geral das teorias já desenvolvidas acerca do assunto e, também, levantar as contribuições da ecolinguística para interpretar a natureza da linguagem e de sua aquisição.

As primeiras teorias acerca da aquisição da linguagem iniciaram na primeira metade do século XX quando Bloomfield (1933), a partir de um conceito de língua como sistema fechado, considera que o falante adquire a linguagem de modo mecânico. No entanto, só há uma tentativa de explicação para a apreensão das regras gramaticais de uma língua em Chomsky (2002), a partir

de 1959, que propõe uma concepção cognitivista sobre a capacidade inerente ao ser humano para desenvolver o conhecimento. Somente na década de 1970, surge uma revisão do cognitivismo, quando Piaget (1986) propõe que a criança constrói o saber a partir de sua experiência de vida no mundo físico. Já, a perspectiva interacionista, acerca da aprendizagem em geral, retoma as publicações que Vygotsky (1991) tinha feito, no início do século XX, para contrapor os posicionamentos naturalistas e mentalistas, pois para o pensador russo, aquisição de linguagem funda-se na relação do ser humano com o mundo sociocultural. Numa outra perspectiva, a sociopsicolinguística, a língua é vista como um ato relacional que integra os sujeitos num processo sócio-cultural em transformação. Como vemos a preocupação com a aquisição da linguagem tem promovido muitas discussões.

Acreditamos que ao discorrer sobre a aquisição de linguagem vista pela Ecolinguística seja algo diferente e que pode contribuir para outra maneira de ver esse processo que continua sendo um terreno fértil para os linguistas, reforçando a tese de que a linguagem nasce na interação e existe para e pela interação. Assim, este artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira parte apresenta um levantamento das perspectivas da aquisição da linguagem; em seguida expomos as concepções básicas da Ecolinguística com um breve esboço sobre seu surgimento. Na sequência, para inscrever um debate sobre o assunto, traçamos um panorama da Ecologia da aquisição da língua pela Ecolinguística e abrimos a oportunidade de discutir a importância do conceito de inserção interacional para esse processo.

1 Perspectivas de aquisição da linguagem

Para compreendermos os delineamentos da ecolinguística acerca da aquisição do conhecimento e também da linguagem de maneira mais eficaz, vamos retomar, inicialmente, as especificidades acerca das posturas teóricas que precederam a essa visão renovadora. Nesta seção, observamos alguns enfoques que embasam os conhecimentos que temos hoje: o empirismo, o racionalismo, o interacionismo.

O modelo empirista propõe que o conhecimento e o comportamento humano são determinados pelo meio-ambiente, ou seja, o conhecimento advém da experiência. Isso não quer dizer que o ser humano seja destituído de cognição e de ideias, mas considera-se a aquisição da linguagem como um fato exterior à mente humana e a sua apreensão ocorre de modo mecânico. Assim, Bloomfield (1933), a partir dos estudos comportamentais de Skinner, considera que o saber do sujeito é fruto de

uma adaptação do ser humano ao meio em gestos de imitação e condicionamento.

Esse compromisso com o behaviorismo leva Bloomfield a encarar a língua como um objeto fragmentado em partículas como fonemas e sintagmas inicialmente destituídos de significação. Com isso, a criança adquire a língua ao observar e imitar os adultos e até mesmo outras crianças, nessa ação, passa a estabelecer relações por meio de estímulos e respostas (E-R) e também pela recorrência de reforço e privação. Pela repetição, o falante memoriza palavras ou frases para, depois, interligar o que já sabe às significações. Assim a experiência de adquirir a língua ocorre mecanicamente, como se o sujeito se apropriasse de uma técnica que lhe permite falar e expressar ideias. Em meados do século XX, surgem reações contra o fato de se considerar o aprendiz como uma tábula rasa, que é preenchida pela língua.

Os racionalistas são os responsáveis por essa oposição, pois consideram que o ser humano já nasce programado para adquirir conhecimento e consequentemente uma língua. Chomsky (1997, p. 125) afirma-nos que a “língua natural é um fenômeno biológico. É como o sistema circulatório de nosso corpo, ela simplesmente está lá”. Desse modo, em sua constituição biológica, a criança carrega uma competência inata para adquirir a linguagem. Ao superar a corrente ambientalista dominante, o pesquisador considera que a língua é um sistema autônomo, desvinculado das interferências sócio-culturais, assim o sujeito apreende as estruturas gramaticais e atua como um processador criativo da língua. Assim, para esse autor o ser humano carrega em si uma competência que lhe permite adquirir a língua de seu meio social. O que se quer dizer aqui é que, para essa visão, cada sujeito carrega uma *faculté du langage*, transmitida geneticamente. Se todos os seres estão programados para desenvolver a linguagem, haveria uma gramática universal subjacente em todas as línguas.

Para Chomsky (2002), a criança, exposta à língua de seu meio, não procede a uma imitação linguística, mas aprende a falar, internalizando o funcionamento gramatical da língua. A aquisição da linguagem se processa ativamente pela apropriação das normas internas da combinatória gramatical. A partir desse pressuposto, entende-se que a criança, em sua constituição biológica carrega uma competência inata para adquirir a linguagem. Ao superar a corrente ambientalista dominante, o pesquisador considera que a língua como um sistema autônomo está desvinculada das interferências socioculturais, assim o sujeito apreende as estruturas gramaticais e atua como um processador criativo da língua.

Com isso, a Psicolinguística entende que há uma criatividade por parte do falante que, de posse do conhecimento do sistema de signos e das estruturas

relacionais, é rapidamente capaz de construir frases que nunca ouviu anteriormente. Essa perspectiva de aquisição de língua é criticada, posteriormente, por não reconhecer as relações do sujeito com o meio social.

A teoria Psicogenética de Piaget (1986), ainda na linha de pesquisa psicológica, já considera importante a perspectiva de que a criança constrói o saber a partir de sua experiência de vida no mundo físico-social. O psicólogo suíço entende que a aquisição da língua se dá por meio fases de desenvolvimento em uma sucessão constante de mudanças específicas, mas descontínua. A língua é concebida como um complexo sistema de regras que são compreendidas no decorrer de um processo de adaptação do falante, na mesma proporção em que decorrem os estágios de aprendizagem. Nessa perspectiva, Piaget afirma que as estruturas cognitivas da criança se desenvolvem na relação do sujeito sobre o ambiente.

A partir da década de 1960, as pesquisas linguísticas mostram-se muito interessadas em verificar as funções da linguagem em uso, por isso o meio sócio-histórico passa a ser considerado como parte integrante do processo de aquisição de uma língua. O Interacionismo considera que a comunidade de fala não é homogênea e que o conhecimento é produto da interação entre o sujeito e o objeto, sem ênfase em nenhum deles, ou seja, ambos possuem o mesmo grau de importância. A aquisição da linguagem pela criança se constrói a partir da interação do sujeito com o seu meio, num jogo dialógico das ações do indivíduo. Aqui o aprendiz não é um sujeito passivo, mas ativo e constrói seu conhecimento numa relação de interação com o outro no meio sócio-histórico. O aprendiz e o outro se constituem na interação, em gestos de comunicação natural.

A visão interacionista de Vygotsky (1991) direciona-se para considerar a aquisição de linguagem fundada na relação do ser humano com o mundo sociocultural. Dessa maneira, vemos que o sujeito se desenvolve por meio da interação com o interlocutor e se constitui pela interlocução entre falantes por meio de uma função organizadora do pensamento. A mediação do outro permite a estruturação da língua num processo de internalização, desse modo, a língua é compreendida como o fruto de uma ação dialógica em permanente construção.

É preciso considerar também as contribuições conjuntas de Vygotsky, Luria e Leontiev (2001) para a compreensão de uma aquisição de linguagem na perspectiva sociopsico-interativa, pois explica que a interação dialógica é capaz de levar a criança a assimilar os sentidos construídos no processo interacional. Outras ideias que devemos levar em conta estão em Bakhtin (2003), para quem o iniciante promove a aquisição não é só de estruturas específicas da língua, mas adquire, igualmente, o processo de geração de sentidos que pertence

ao domínio da linguagem e do pensamento. O aprendiz vai inteirar-se dos enunciados por meios discursivos, inter-relacionando sentidos atravessados por opiniões, crenças e valores que permeiam sócio-historicamente o contexto. E cada falante se insere no diálogo e participa gradativamente das conversas e compreende como se dá a alternâncias dos sujeitos falantes, as pausas, a escolha dos gêneros discursivos.

Podemos observar que a aquisição da linguagem percebida, inicialmente, como uma internalização de um sistema linguístico exterior ao sujeito, vai, gradativamente, sendo encarada como uma apreensão que se dá holisticamente quando a percepção e compreensão do todo sociopolítico-cultural é mais importante ou melhor que a soma das partes. A partir dessa revisão passamos a verificar as posturas da ecolinguística.

2 A ecolinguística

Hoje se fala em abordagem ecológica em muitas ciências humanas, ou seja, uma vertente que adota os princípios oriundos da ecologia biológica, parecendo à primeira vista um certo modismo. Assim, é importante, para entender o que é Ecolinguística, discorrer sobre o conceito de ecologia. Para Couto (2007, p. 24-25),

A maioria dos textos sobre ecologia dizem que ela trata das relações entre os organismos e seu meio ambiente, termo aparentemente introduzido pelo biólogo balto-alemão Jakob von Uexküll, sob a forma alemã Umwelt. Alguns trazem a informação adicional de que o termo ecologia foi proposto por Ernst Haeckel em 1866. [...] a definição mais comum afirma que a ecologia é a parte da biologia que estuda as *interrelações dinâmicas dos componentes bióticos e abióticos do meio ambiente.* (grifos nossos)

Ora, se a ecologia é o ramo da biologia que estuda as “inter-relações dinâmicas” entre os seres vivos e o meio onde vivem, queremos interligar essa concepção à de linguística. Afirmamos que a Linguística é a ciência da linguagem, que se dedica ao estudo da língua num aspecto descritivo de seu funcionamento interno e, também, investiga como essa língua atua nas inter-relações entre os membros de uma comunidade ao se comunicarem entre si, tanto oral como gestualmente. Mas a concepção de língua é mais que isso, pois além dessa função comunicativa do sistema, temos a função cognitiva e a função de textualidade proposta por Halliday, e, ainda mais, não podemos esquecer as vertentes discursivas que observam a interação entre os valores inseridos nos enunciados. Assim, entendemos que, se há uma preocupação em investigar o que a língua é capaz de fazer nas relações humanas, já temos, nesse contexto, a ecolinguística

que é o estudo das interações verbais que se dão nos ecossistemas linguísticos.

O termo ecossistema refere-se ao conjunto formado por todas as comunidades que vivem e interagem em determinada região que inclui os integrantes da raça humana, da fauna e da flora. Mas a perspectiva é mais ampla e envolve os fatores externos como a água, o sol, o solo, o gelo, o vento e todo o cosmos. Todos eles em consonância num jogo harmônico de interinfluência e interdependência em uma determinada área geográfica, seja uma vegetação de cerrado, mata ciliar, caatinga, mata atlântica ou floresta amazônica. A todas as relações dos organismos entre si, e com seu meio ambiente chamamos ecossistema, pois organiza-se como sendo um conjunto de comunidades interagindo, e, ao mesmo tempo que promove a influência também a recebe dos outros participantes do mesmo sistema ecológico. A partir do conceito de sistema ecológico, tentamos compreender como é então um sistema ecolinguístico.

Para começar a falar sobre a Ecolinguística, vale discorrer sobre o prefixo grego “*eco-*”. Segundo o dicionário *Aurélio* (1987), um dos significados de *eco-*, é “casa” no sentido de lar e daí tiramos a ideia de meio ambiente. Assim, por extensão, pensamos no prefixo *eco-* de Ecolinguística como um meio ambiente em que tudo se relaciona, com isso temos uma inter-relação entre seres humanos e natureza (os seres bióticos e os abióticos), aliados à concepção de linguística, em seu sentido amplo, como sendo o estudo da linguagem. Temos, dessa forma, a Ecolinguística, uma nova maneira de ver, de estudar os fenômenos da linguagem.

A fundamentação teórica da Ecolinguística encontra-se numa visão dinâmica da língua, ou seja, propõe o estudo das inter-relações entre língua, indivíduos e meio ambiente a partir do entrelaçamento de saberes oriundos das ciências da linguagem e da ecologia. O aspecto integrador dessa disciplina parte do princípio de que a língua é um sistema que também mantém inter-relação com outros componentes do ecossistema do qual faz parte: meio ambiente físico, social, histórico e mental.

A ecolinguística tira suas bases epistemológicas da Ecologia, por isso seu objeto são ecologias ou ecossistemas linguísticos ou, mais precisamente, as relações ou interações que se dão no interior deles ou entre mais de um deles. Com isso, temos, ao lado da ecologia biológica, a ecologia linguística, mais conhecida como ecolinguística. Em ambas, o conceito central é o de ecossistema: ecossistema biológico (marinho, terrestre, lacustre etc.), no caso da primeira, e ecossistema linguístico, no da segunda.

A ecolinguística, segundo Haugen (1972, p. 325) é o “estudo das interações entre língua e seu meio ambiente”. Ora, o meio ambiente aqui não é apenas tudo que está no

contexto interno da língua, mas também o que está fora dela (o povo que a fala, o território que os cerca, etc.). Mas essa perspectiva integrada não surgiu de repente, foi gerada há muito tempo e desenvolvida no decorrer dos séculos.

Recuperando um pouco do histórico dessa visão acerca da linguagem, notamos que a relação entre língua e mundo já era estudada pelos gregos. O filósofo Platão (2001, p. 381-384) põe o personagem *Crátilo* defendendo a tese de que a relação entre língua e mundo é natural e que essa língua depende de um universo pré-existente. Por exemplo, só existe a palavra ‘árvore’ porque existe a coisa árvore, não o contrário e por isso a língua está ligada ao mundo diretamente pela natureza. A palavra é entendida como um ser natural que se liga aos objetos naturais. Nessa vertente, as palavras refletem os objetos a que se referem, mas, em contraposição, o personagem Hermógenes defende a tese de que a relação entre o mundo natural e a língua é arbitrária, convencional. Com isso temos três objetos a considerar: Língua (L) está ligada a Território (T) pelo Povo (P).

O debate sobre a arbitrariedade da língua é retomado ao longo de toda a história, tanto por filósofos quanto por estudiosos da língua. Em meados do século XX, o filósofo austríaco Wittgenstein (1968) defende a tese de Hermógenes (a língua como um reflexo do mundo) no seu famoso *Tractatus logico-philosophicus*. Esse autor defende, inicialmente, que a língua é um sistema para que a pessoa possa falar do mundo (sintaxe, morfologia, fonologia). Depois, Wittgenstein (1968) revê essa posição e passa a defender que a língua é um jogo, isto é, ela existe basicamente como jogo gramatical e também como jogo na interação entre as pessoas (para elas jogarem verbalmente, comunicarem-se). A ecolinguística é simpática a essa perspectiva e vê a língua também como interação, comunicação. Para compreendermos melhor, podemos falar de estudiosos que veem a relação língua meio ambiente, conforme especificado abaixo.

Um dos primeiros linguistas a falar explicitamente sobre a relação entre pessoas do povo, língua, território e meio ambiente foi Sapir (1969) que há muitos elementos da cultura humana relacionados à influência do meio ambiente, considerando que as forças ambientais deixam suas marcas nos traços culturais. Embora perceba, desde então, a inter-relação cultura-meio ambiente, considera que não se podem reduzir as interferências apenas ao aspecto ecológico. Depois em 1970, em uma palestra, o sociolinguista Haugen, tido como pai da ecolinguística, define o objeto dessa disciplina pela primeira vez, usando as expressões *language ecology* e *ecology of language*. Haugen (1972) publica o artigo “The ecology of language” em que apresenta o texto fundador da Ecolinguística, porque aí conceitua “ecologia da língua” ou Ecolinguística

nos termos atuais ao associar a linguagem ou as línguas ao ambiente. Esse autor considera que toda língua está intimamente ligada a um contexto social e natural, de um lado no aspecto psicológico, pois envolve a interação da língua materna com outros códigos linguísticos de seu conhecimento. Se outro lado, há o lado sociológico pelas relações sociais como os meios de comunicação.

O psicolinguista Salzinger (1979) é o segundo linguista a usar o termo, em “Ecolinguistics: a radical behavior theory approach to language behavior”, já visualiza a inter-relação meio ambiente e língua, mas ainda numa perspectiva comportamentalista. Mais tarde, o poliglota Hagège (1985:328) retoma esses conceitos na obra *L'homme de paroles* onde afirma que “uma futura ecolinguística deveria estudar o modo pelo qual são integradas na língua referências ‘naturais’ culturalizadas, tais como pontos cardeais, particularidades geográficas, habitações humanas, elementos cósmicos”. Desse modo, o pesquisador entende que o uso da língua em todas as suas ocorre em relação às situações sociais e espaciais e explica que os indivíduos de uma população (P) dão nomes (L) aos objetos de seu meio, seu entorno (T). Vemos que Hagège espera que a Ecolinguística estude as relações entre língua e mundo natural.

No Brasil, Couto (2007) faz um amplo levantamento dos conceitos e nos dá a informação de que, após vários ensaios menores sobre assuntos ecolinguísticos, no ano de 1993 surgiram duas obras básicas de introdução à Ecolinguística. O primeiro livro é do pesquisador Fill (1993), da Áustria, o mais respeitado teórico atual da Ecolinguística. Sua obra *Ökologie: Eine Einführung (Ecolinguística: uma introdução)* está disponível só em alemão, mas há outros textos de Fill escritos em inglês disponíveis na internet em que defende a necessidade de um conjunto de pesquisas discursivas e/ou textuais mais abertas a uma ampliação do contexto para além do sócio-histórico. O segundo livro é de Makkai (1993), linguista pesquisador húngaro/americano, sob o título *Ecolinguistics: Toward a new **paradigm** for the science of language?* Antes desse livro, Makkai já havia publicado textos menores, como “A pragmo-ecological view of linguistic structure and language universals” (1972). Para Makkai (1993), os estudos da ecolinguística devem evitar uma análise centrada, unicamente, em uma abordagem do discurso ambiental, mas precisa voltar-se a perspectivas um horizonte teórico e um quadro de possibilidades metodológicas mais integradora de linhas discursivas das várias área de estudo biológico, geográfico, ambientais e culturais.

Segundo informa Couto (2007), no Brasil, quem usa a concepção de ecolinguística pela primeira vez é Matos (2001) pesquisador de Linguística Aplicada da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Assim,

o aparecimento desse conceito aparece em palestras, entrevistas de jornais e em comunicações em congressos no exterior. Para Matos, pode-se verificar a marca de negatividade no modo como a população denomina certos fenômenos naturais mais fortes (chuvas, relâmpagos, trovão) ou os animais mais violentos.

Como vemos a preocupação com o meio ambiente em relação à língua requer ainda muitos estudos e a ecolinguística volta-se para o estudo das interações verbais que se dão nos ecossistemas linguísticos. Ela vê as relações entre Língua (L) e Meio Ambientes (MA) via População (P ou membros de P), bem como as relações entre os membros do P no meio ambiente, usando a língua. Vejamos isso com base no esquema elaborado por Couto (2007), pioneiro dos estudos ecolinguísticos no Brasil.

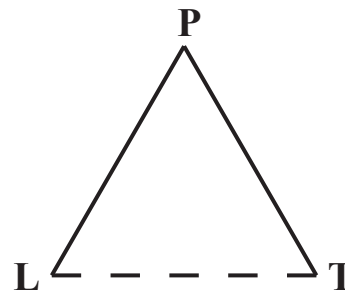


Figura 1

No esquema, a linha tracejada entre L (língua) e T (Território, meio ambiente) mostra que não há uma relação direta entre L e T, pois a relação entre eles é sempre mediada por P (população, seres humanos). A totalidade formada por P (população), T (território) e L (língua) passou a ser chamada de *Ecologia Fundamental da Língua (EFL)*, também conhecida como comunidade. Nesse caso, a língua recebe um destaque, pois temos que o falante do povo (P) e o território (T) constituem o seu meio ambiente (MA), ou seja, o MA fundamental da língua. Desse modo, o *EFL* pode ser representado como se vê na Figura acima, em que o P se equipara à população de organismos e o T ao habitat, biótopo. Quanto à L (língua), observamos que equivale às inter-relações que se dão entre os organismos da mesma espécie que formam a população. É por isso que a língua pôde ser definida como sendo o modo de os membros da comunidade se comunicarem entre si.

Na perspectiva da *Ecologia Fundamental da Língua (EFL)*, pode-se vislumbrar que a o ecossistema fundamental da língua é a base da Ecolinguística e consta de um povo (P), residindo em determinado território (T) e falando sua própria língua (L). Por isso dizemos que esse ecossistema (LPT) é fundamental na interação entre a

língua (L), a população (P) e território (T), de modo que o meio ambiente (MA) natural da língua envolve o entorno, mundo ou território (T) e os membros da população (P).

Na ecologia, o *ecossistema* é um conjunto formado por uma população de organismos que agem entre si e em inter-relações com o meio ambiente (*habitat*). Vale salientar que o “ecossistema linguístico” desenvolve-se num processo de atuação mútua como o “ecossistema biológico”. Vejamos um quadro comparativo de conceitos das duas ecologias, a biológica e a ecolinguística:

Ecologia	Ecolinguística
ecossistema	ecossistema linguístico (LPT)
população	povo/população (P)
interações	linguagem/língua (L)
<i>habitat</i>	território (T)

A ecolinguística tem como base epistemológica a ecologia biológica. Para essa disciplina, a língua(gem) é como uma ecologia, um grande ecossistema, que contém outros ecossistemas, ou seja, a língua é uma imensa teia de inter-relações, que envolve pelo menos três ecossistemas diferentes: os naturais, os mentais e os sociais. O ecolinguista estuda o ecossistema da língua, seu objeto de investigação é a língua atuando no ecossistema, por isso pratica ecologia, e não se pode afirmar que apenas usa metaforicamente os conceitos ecológicos.

Vimos, até agora, que a Ecolinguística é uma disciplina que pesquisa as relações entre a língua e o mundo natural, tendo como base os conceitos da ecologia. Na verdade, a Ecolinguística, não investiga só essas relações, mas também as que se dão entre língua, mundo mental e mundo social. Apenas para fins didáticos, exemplificamos cada uma dessas relações distintamente, mas, enfatizamos que elas estão interligadas.

1. O *Mundo Natural* (entorno ou meio ambiente) refere-se a tudo o que nos rodeia: espaço físico, ar, água, montanhas, pessoas, animais, o cosmos.
2. O *Mundo Mental* é o modo como a língua é formada, armazenada e processada no cérebro (conexões neurais), levando em consideração a questão da adaptação.
3. O *Mundo Social* refere-se à sociedade, conjunto de pessoas que compartilham propósitos, valores histórico-sociais, preocupações e costumes, e interação entre si constituindo uma comunidade.

Para a ecolinguística, tudo na língua tem a ver, direta ou indiretamente, com o *Ecossistema Fundamental da Língua*, melhor dizendo, com as relações entre a L e o P, por um lado, e entre a L e o T, por outro, bem como entre a L e PT (Povo e Território) juntos, que formam o MA

(meio ambiente) fundamental da Língua. Por exemplo, a distribuição dos indivíduos do P no espaço ambiental determina muitas das características da L. Assim, se o T é de pequenas proporções, como acontece com o T das pequenas comunidades ameríndias e africanas, a L tende a ser relativamente homogênea. Se o T abrange grandes extensões de terra, como o inglês, a L tende a apresentar mais variação interna.

Por fim, o nível intelectual e tecnológico a que os membros do P chegam também pode afetar a natureza da L, sobretudo o vocabulário, mas não só, pode atingir outros aspectos. Dentre eles a morfologia, por exemplo, a formação de palavras que têm a ver com LPT, além de ser uma fonte de seu enriquecimento, permite criar novas palavras com meios internos, mediante a reutilização (reciclagem) de recursos já existentes.

3 Ecologia da aquisição de língua

A partir dos conceitos de ecologia linguística vamos apresentar alguns aspectos acerca da aquisição de linguagem ou como se dá o processo de adquirir a linguagem na infância. Na primeira parte fizemos uma revisão das teorias já divulgadas sobre esse processo, vimos que o foco de atenção dos autores estudados estava ora na língua, ora no indivíduo ora no meio.

Retomando, centrado no indivíduo temos Bloomfield fica atento ao comportamento externo do ser humano e Chomsky volta-se para a investigação do funcionamento cognitivo em relação à língua. Em Piaget, a preocupação com a aquisição da língua relaciona o aspecto psicológico ao ambiente e temos uma relação importante entre mundo interno e externo. A partir das concepções de Vygotsky, vemos um direcionamento para a importância da interação do falante com o meio sócio-histórico e associado a Luria e a Leontiev importa a interação do social, do psicológico. Observamos que a preocupação com a aquisição da linguagem se volta cada vez mais para o aspecto relacional do homem com o outro e com o meio ao que Bakhtin (2003:283) acrescenta a aquisição de gêneros e entonação.

Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas). [...] Nós aprendemos a moldar nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras...

Assim, Bakhtin percebe que o ser humano adquire a língua na compreensão das formas da língua e no entendimento mútuo entre os indivíduos. Entretanto, nosso objetivo aqui é compreender a aquisição de língua na perspectiva ecológica.

Na Ecolinguística, a abordagem é holística, pois estuda a vida envolvida por todos os fenômenos em sua dimensão evolutiva. É importante ressaltar que a ecologia se interessa também pela história dos ecossistemas, sua formação e transformação, tanto as causas internas quanto as causas externas. Daí, a importância de uma abordagem ecológica acerca da aquisição de língua materna pela criança.

Nessa perspectiva, afirmamos que a aquisição da língua é vista pela Ecolinguística como uma relação de adaptação da criança ao seu meio, aprendendo a lidar com a interação entre o mundo natural, o mundo mental e o mundo social. Investiga como ela aprende a interagir no seu meio, ou seja, a aquisição de língua materna pela criança consiste em uma interação gradual, mas ao mesmo tempo global ao ecossistema em que vive.

Começamos a exposição dessa interação da criança, propondo fases específicas, divididas pelos aquisicionistas da linguagem em *pré-linguística* e *linguística*. A exposição dessas fases aqui segue a experiência e a observação de crianças no geral.

A fase *pré-linguística* ocorre na fase intra-uterina e nos primeiros meses de sua vida. Já no período de formação intra-uterina a criança recebe as primeiras impressões, ouve ruídos como batimentos cardíacos, percebe os balanços do andar da mãe, sente seu corpo crescer e se alimenta. Na primeiras horas de vida, o contato com o meio ambiente é cheio de sons, movimentos, sabores, sensações cutâneas e até começa a ver cores e sombras. Na primeira semana, a criança aprende como avisar que está com sono ou com dor, emite sons guturais, mexe braços pernas e aprende a mamar. Podemos dizer que a criança, nos primeiros cinco meses, experimenta o ambiente e observa como as pessoas lidam com ela, só olha a uma solicitação. Portanto, nessa fase, a interação da criança com as pessoas e o meio em que vive é mais instintiva, sendo nesse estágio a interação contagial, ou seja, uma interação de predisposições inatas em ações de observação.

Entre seis e doze meses de vida, a criança começa a proferir sons, busca repetir fonemas parecidos com alguma vogal. Observa o movimento do mundo; experimenta texturas e sabores nas mãos, na boca, nos pés; tem prazer em movimentos, ritmos; sempre está atenta a qualquer animal ou pessoa. Ao ouvir um som interage com o mundo; responde ao olhar do outro; sorri para alguns; chora de manha, de raiva, de dor. Incrivelmente, toda mãe aprende a decodificar os tipos de choro para acudir sua

criança, sabe, perfeitamente quando o choro é de cansaço ou sono. Essa interação ente criança, mãe e ambiente já permite uma comunicação, mas ainda não é uma língua.

As primeiras palavras começam quando a curiosidade leva a criança a um contato cada vez maior com o outro e com o meio, ela passa a repetir determinados fonemas em sequência “papa” ou “mama”. Como o falante interage, aprende um jogo que tem uma forma de diálogo incipiente e aprende o efeito responsivo desse som para o interlocutor, sabe que está agradando. Chamamos a essa fase de *pré-linguística*, mas não é isenta de comunicação interativa, embora depois de adultos não tenhamos capacidade de acessar essa memória, certamente, contribuiu para a formação do indivíduo que somos. A criança responde a estímulos ou brinca sozinha, de alguma forma, a interação com o ecossistema ambiental e linguístico amplia-se gradativamente e a estimulação contribui muito para avanços comunicacionais.

Na fase *linguística* que começa por volta do primeiro ano de vida, podemos perceber que a criança ensaia as palavras e percebemos que sabe o momento de pronunciá-las, percebe quando há um interlocutor, pede, nega, tenta impor seus desejos. Ao mesmo tempo em que aprende palavras dentro do processo enunciativo, percebe os seus sentidos, sua relação com o mundo e demonstra alguns tipos de movimentos mentais pelas reações a determinados fatos. Por exemplo, vê a mãe com a bolsa nos ombros e começa a chorar, ela sabe que a mãe vai se ausentar; ouve o barulho das chaves do carro e já se prepara para sair; vê o cachorro e balança as mãos. Todas essas reações demonstram uma interação cósmica que envolve o outro, o meio ambiente e a língua. A fase linguística desenvolve-se continua e progressivamente num aprendizado de língua, vida social, vida mental e ambiental.

Por volta dos dois anos, a criança já produz enunciados mais complexos e perfeitamente conetados com as relações sociais, em interação com o meio ambiente, interessa-se pela língua, pelas pessoas, pela natureza. Na enunciação constrói sentidos com duas ou mais palavras, algumas ainda tentativas de palavras, como por exemplo, “boia kiau ou bo kiu” para bola caiu.

Aqui, normalmente a interação comunicativa já vem preenchida de responsividade, entendida como em Bakhtin (2003), a uma pergunta a criança responde, ou melhor, corresponde. A partir dessa fase de iniciação no processo interativo em que se desenvolve a relação entre língua, sociedade e meio ambiente (LPT) teremos uma interação cada vez mais intensa e complexa nas suas relações com o mundo. Por isso, a estimulação nos processos interativos permite uma gradativa complexidade na aquisição não só da língua em gestos de compreensão responsiva junto ao mundo social e aos ecossistemas.

Pelo exposto, percebemos que a língua se faz na interação e que a aquisição da língua pela criança é um processo complexo com avanços e recuos, mas de um modo sistemático, pois cada indivíduo passa por processos similares. O mais importante na perspectiva da Ecolinguística é perceber que o ser humano adquire um conjunto de habilidades integradas língua (L), relação social com a população (P) e integração com o meio ambiente territorial (T), de modo que os aspectos LPT vêm simultaneamente e não de modo separado. A separação que fazemos ocorre apenas abstratamente com finalidade investigativa.

Assim, o behaviorismo vê a criança como um receptáculo passivo da linguagem; o racionalismo a vê ativamente, atuando no meio, explorando o mundo e assim formando sozinha sua linguagem, porque tem o dom inato da linguagem. A Ecolinguística, por sua vez, vê a criança não só como receptáculo, mas também interativamente. Nessa perspectiva, tudo (LPT) é estímulo e ao recebê-los, a criança tenta interagir, compreender, reproduzir, entender, fazer conexões. A Ecolinguística, por isso, não descarta as concepções de aquisição de língua anteriores, mas concorda com o racionalismo em alguns aspectos, pois vê o aprendiz atuar ativamente no seu meio.

No entanto, para a Ecolinguística além desses fatores, existe no processo de aquisição da linguagem a questão da adaptação. Aprender uma língua, comunicar-se, usar os nomes vigentes no meio em que ela vive para a Ecolinguística é adaptar-se ao meio ambiente físico e social, inclusive com os falantes da língua a ser adquirida numa integração de LPT. A questão de adaptação para os processos de aquisição e aprendizagem de uma língua como propõe a ecolinguística é o mais adequado, pois nesses processos existe a adaptação ao como se dão os atos de interação comunicativa na comunidade na qual o aprendiz vive.

Adquirir uma primeira língua é adaptar-se a uma ecologia fundamental da língua EFL. A aquisição de primeira língua (L1) é um processo que resulta do contato e adaptação da criança aos membros de determinada EFL, inicialmente pais e irmãos. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente de comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência começa a operar. Esse processo pode ser equiparado ao plantar-se uma semente, que vai dar lugar a uma planta perfeita. Mantidas as condições ambientais (MA) necessárias (terá fertilidade, umidade, luz, temperatura) ela cresce normalmente. Faltando uma das condições LPT, ela fenece e morrerá.

Como disse Makkai (1993:2180) “a criança não ‘adquire uma língua’ pura e simplesmente, como se aprende a jogar xadrez ou manipular um programa de

computador. A criança aprende como tornar-se membro de um pequeno círculo social (a família), cujos membros tentam influenciar de diversos modos”. A criança aprende como significar (L), a fim de desenvolver sua posição frente à comunidade (P).

Adquirir uma L1 é um processo inevitável, psicobiológico e social (P), daí então o indivíduo tem um papel ativo, mas não independente de LPT. Adquirir L1 acontece a ele no processo de adaptação ao sistema ecológico linguístico da EFL em que se desenvolve até cerca de 7 a 10 anos (não necessariamente a EFL em que ela nasceu). Nascer é ser introduzido em uma comunidade, em uma EFL. O próprio aparecimento físico da criança nessa comunidade já indica que ela tem que se adaptar. Como a criança é moldável, inclusive no aspecto físico, é relativamente fácil para ela se encaixar, se adaptar ao modo de comunicação (L) dessa comunidade (PT). O seu cérebro tem uma plasticidade extraordinária, assim como as demais partes de seu corpo.

Vimos que o processo da aquisição da L1 é natural, ao contrário do processo aquisitivo de outra língua (L2) que não é tão natural quanto o de L1. Aprender uma segunda língua, ou mais de uma língua estrangeira (LE), é tentar adaptar-se a outra EFL diferente da original. Para ligar-se a outro ecossistema, é tornar a se adaptar, no caso, a uma EFL diferente da de sua L1 e de possíveis outras EFL a que já tenha se adaptado. Por isso, aprender L2, dificilmente se dá de modo pleno depois de o indivíduo já estar adaptado a uma EFL, ou seja, a uma comunidade. Por isso, quase ninguém consegue dominar uma segunda língua como seus falantes nativos, pelo menos a partir de certa idade, porque crianças e adolescentes às vezes conseguem.

Nesse sentido, aprender uma L2 (L3 etc.) pode ser equiparado a transplantar-se uma muda de planta de seu terreno original para outro terreno. Trata-se de transplantar um organismo já nascido, para um T diferente daquele do nascimento dele. Nesse caso, o seu crescimento vai depender da época do transplante, além de outras variáveis como as condições necessárias para o crescimento de uma planta que cresce onde nasceu. Se o transplante for feito enquanto a planta ainda é bem nova, o desenvolvimento pode ser quase normal, como o das que não foram transplantadas. Se ele for feito depois de a planta ser grande, ela pode até continuar vivendo no novo terreno, mas nunca será como uma planta perfeitamente adaptada como aquela que continua no mesmo terreno em que foi plantada.

A ecologia da aquisição de língua enfatiza o desenvolvimento linguístico por meio da imersão que se dá em LPT, assim que o indivíduo se vê inserido na sua LPT original adquire uma vivência da L, do P e do T integradamente ou torna-se capaz de vivenciar uma outra LPT e aprender outras línguas por imersão.

Considerações finais

Se pensarmos a aquisição e aprendizagem de língua sob o viés da Ecolinguística, chegamos a uma conclusão parcial de que tanto aquisição de L1 quanto de L2 resulta de um processo maior de interação, envolvendo LPT. Isso, pois a linguagem nasce da interação que existe para a interação, reforçando a tese de que a linguagem nasce na interação e existe pela interação e para a interação. Tudo o mais LPT só existe para a função central dela.

Muitas pesquisas sobre a aquisição da L1 e da L2 continuam a considerar o indivíduo em termos de sistema fechado, já a ecologia da aquisição de língua sinaliza para o desenvolvimento da língua por meio das interações das crianças e dos aprendizes com seu meio ambiente físico, mental e social.

Da perspectiva ecológico-interacional, a aquisição de L1 pela criança consiste em imersão, em adaptação dela ao meio em que nasce e vive. Esse meio (ecossistema) é basicamente a EFL mostrada na Figura 1. Esse processo faz parte de algo maior, ou seja, o desenvolvimento da criança. Aqui, podemos chamar de adaptação o equilíbrio das assimilações e acomodações que a criança faz na fase pré-linguística e linguística. Essa adaptação não se dá de modo passivo, pois a criança atua constantemente, manipulando as coisas do mundo, experimentando-as, contrariamente à adaptação biológica. É manipulando aspectos do mundo circundante que a criança se apropria do conhecimento e da linguagem, tudo de modo inter-relacionado. Pode-se a primeira vista pensar que a criança aprende um sistema para depois aplicá-lo, mas pela visão ecológica, podemos afirmar que ela aprende a se comunicar adaptando-se ao ecossistema.

Referências

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. P. Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail; (VOLOSHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1981.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Londres: Museum Street, 1933. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6383057/Bloomfield-Leonard-Language-1933>>. Acesso em: 27 out. 2012.

BRAGGIO, Silvia L. B. *Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CHOMSKY, Noam. *On nature and language*. Cambridge: University, 2002.

CHOMSKY, Noam. Chomsky no Brasil. *Revista DELTA*, São Paulo, v. 13, n. esp., 1997.

CLARK, Eve. V. *The lexicon um acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

COUTO, Hildo H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

ELISABETSKY, Elaine. Etnofarmacologia de algumas tribos brasileiras. In: RIBEIRO, Berta G. (Org.). *Suma etnológica brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1986.

FILL, Alwin. *Ökologie: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.

FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (Org.). *The ecolinguistics reader*. Londres: Continuum, 2001.

HAGÈGE, Claude. *L'homme de paroles*. Paris: Fayard, 1985.

HAUGEN, Einar I. The ecology of language. *Language Science and National Development*, Stanford: Stanford University, 1972.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: Toward a new **paradigm** for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.

MATOS, Francisco Gomes de. *A case for ecolinguistic identity*. XIII Internationale Deutschlehrertagung. Lucerna, Suíça, 30/7, 4/08/2001.

MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University, 2001.

PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência na criança*. Lisboa: Plural, 1986. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/6785819/Piaget-O-Nascimento-Da-Inteligencia-Na-Crianca-Livro>>. Acesso em: 27 out. 2012.

PLATÃO. *Crátilo*. Trad. Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

PLUNKETT, K. O connexionismo hoje. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 35, n. 122, p. 109-122, dez. 2000.

SALZINGER, Larry. Ecolinguistics: A radical behavior theory approach to language behavior. In: AARONSON; REIBER. (Org.). *Psycholinguistics research*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1979. p. 109-130.

SAPIR, Edward. Linguagem e ambiente. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: <<http://cristianopalharini.wordpress.com/2011/04/20/a-formacao-social-da-mente-vygotsky-livro-download/>>. Acesso em: 27 out. 2012.

VYGOTSKY, Lev S.; LÚRIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexei N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 9. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Nacional/USP, 1968.

Recebido: 15 de novembro de 2012
Aprovado: 11 de janeiro de 2013
Contato: elzakm@terra.com.br
elianemarquez@uol.com.br